

O Morro do Pasmado e suas cidades virtuais: do Correio da Manhã à nova militância das favelas

The Hill of Pasmado and its virtual cities: from Correio da Manhã to the new favela militancy

Júlio Bizarria



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2493>

DOI: 10.4000/pontourbe.2493

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Júlio Bizarria, « O Morro do Pasmado e suas cidades virtuais: do Correio da Manhã à nova militância das favelas », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 dezembro 2014, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2493> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2493

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

O Morro do Pasmado e suas cidades virtuais: do Correio da Manhã à nova militância das favelas

The Hill of Pasmado and its virtual cities: from Correio da Manhã to the new favela militancy

Júlio Bizarria

- 1 Na noite de 24 de janeiro de 1964, uma sexta-feira, no cartão postal da enseada de Botafogo, uma das mais significativas e metonímicas representações do país, uma operação peculiar mobilizava o Corpo de Bombeiros do Estado da Guanabara. Noventa homens, sob comando de dois oficiais majores, cercaram o discreto Morro do Pasmado para, segundo a Secretaria de Serviços Sociais, efetuar uma operação de saneamento: tratava-se do incêndio controlado dos escombros da favela cuja população fora dali removida ao longo dos últimos dois meses. As chamas queimaram até o início da manhã de sábado, dando aos jornais Correio da Manhã e Tribuna da imprensa a oportunidade de noticiá-lo horas depois. O destino de sua população foi a dispersão entre um certo número de conjuntos habitacionais, construídos com o fim de se remover, da zona sul da cidade, a maior quantidade possível de favelas. Às vésperas das celebrações do quarto centenário de fundação do Rio de Janeiro, a zona sul recebia, por influência do discurso hegemônico da cidade, numerosas intervenções urbanas, que buscavam assentar-lhe a vocação turística pela qual se tornou conhecida.



Figura I: Aspecto contemporâneo da enseada de Botafogo, com destaque para a localização do Morro do Pasmado. Sobre fotografia de Thiago Hirai.

- 2 A Favela do Pasmado não foi a primeira a ser removida desde que, nos anos 1920, a expressão favela passara ao vernáculo como substantivo comum: a Favela do Largo da Memória, na margem ocidental da Lagoa Rodrigo de Freitas, removida em 1942, já assinalava o novo destino do processo de migração das elites; a do Morro de Santo Antônio, que disputa com o próprio Morro da Providência, outrora Morro da Favella, o título de mais antiga das congêneres, sofreu uma série de remoções parciais, desde as diatribes de Olavo Bilac e Lima Barreto, ou da visita fortuita de João do Rio, até a remoção definitiva, no início dos anos 1950. Enquanto a busca por episódios ainda mais remotos permanece uma entre as possibilidades de investigação, a Favela do Pasmado afirma-se por elementos que não são cronológicos. Embora também tenha subsistido a tentativas de remoção parcial em 1952, extinguiu-se definitivamente com as chamas de seu incêndio controlado. A singularidade grotesca atualizava os bombeiros incendiários de Ray Bradbury¹ e inaugurava um período denominado Era das Remoções (BRUM 2012), uma sequência de transferências forçadas de núcleos denominados como favelas e que consistiram no maior deslocamento populacional registrado na história da cidade. O professor Carlos Nelson Ferreira dos Santos, arquiteto, engajado acadêmico e testemunha ocular de importantes episódios envolvendo a Favela do Pasmado, observa, com ampla licença poética, o que se anunciava no horizonte do devir da cidade do Rio de Janeiro:

Pouco antes da tentativa de remover Brás de Pina, os cariocas haviam assistido ao espetáculo de uma favela em chamas durante uma noite inteira. Era a do Pasmado, a primeira a ser removida e cujos barracos foram em seguida incendiados como símbolo de uma nova era que se pretendia inaugurar. Era prometida a extinção de todas as favelas do Rio, oferecendo-se aos seus moradores casas seguras, 'modernas' e... muito distantes dos lugares onde moravam antes, que, presumivelmente, seriam, quando desocupados, purificados pelo fogo. (SANTOS 1981: 32).

- 3 O estabelecimento de tal política e sua radicalização, após a insurreição militar de abril, precipitou, entre outros processos, a ampliação do estudo das favelas cariocas: em seara dominada pelos discursos moral, policial, médico e jornalístico, as ciências sociais passaram a pronunciar-se na forma de um bom conjunto de estudos, dos quais alguns se tornaram clássicos². A problematização categorial, o estudo dos estigmas espaciais associados à condição de favelado, as formas de solidariedade predominantes e os percalços da política de remoção encontram-se com preocupações da literatura mais

recente, que assiste a uma ressurgência dos discursos que pregam transferências populacionais de favelas do Rio de Janeiro, no bojo das preparações da cidade para sediar, em 2014, a Copa do Mundo de Futebol e a Olimpíada, em 2016. Em boa parte desses estudos, breves menções à Favela do Pasmado, que reconheciam-lhe o caráter paradigmático, contrastavam com a dificuldade em encontrar trabalhos que a considerassem especificamente.



Figura II: Fotografia sem indicação de autoria (provavelmente, de Manuel Gomes da Costa) retratando o incêndio do Pasmado, aparecida no Correio da manhã em 25/01/1964. (p. 3), junto à matéria "Fim do pasmado".

- 4 O estudo da Favela do Pasmado era dificultado por uma relativa escassez de fontes documentais. Diante da dificuldade em se encontrar potenciais informantes, uma consequência da intensidade da dispersão provocada pelo processo de remoção, pareceu adequado considerar a análise de alguns posicionamentos da imprensa carioca. Entre os veículos de imprensa selecionados, foi possível descobrir um interesse particular do Correio da Manhã na remoção da Favela do Pasmado, assim como explorar alguns significados da memória daquele episódio (ou de sua ausência) para a militância das favelas cariocas após o início da redemocratização do Brasil, quando empenhou-se em intensa produção memorialística e documental. À guisa de conclusão, postulou-se a hipótese de que a militância das favelas parecia contentar-se com uma convicção difusa, sujeita à transmissão entre gerações, de que houve, naquele tempo, grandes incêndios. A essa lembrança vaga e difusa ousou-se denominar memória diáfana, sugerindo, no que concerne a instrumentalidade política do trauma, um primado da memória sobre a história (BIZARRIA 2014: 125).

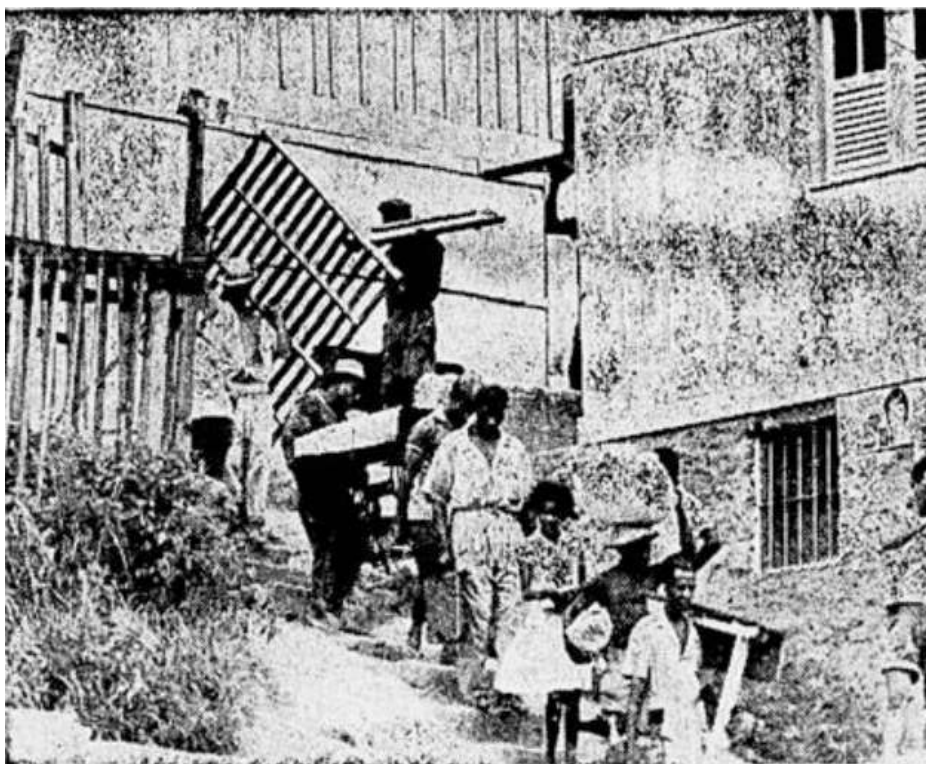


Figura III: O Correio da manhã, em 18/01/1964, p. 3, apresenta “Mudança”, em uma fotografia facilmente encontrável na internet. Note-se a máquina de costurar conduzida por dois homens, ao centro.

- 5 Entre as singularidades redacionais, políticas e editoriais do Correio da Manhã e o discurso que permeia a nova militância das favelas cariocas, insinuam-se dois conjuntos muito distintos de representações e expectativas para a cidade, e a cuja explicitação empenha-se este artigo. A esses conjuntos simbólicos, que se costuma denominar cidades imaginadas³, preferiu-se, aqui, tomar como virtualidades ou cidades virtuais, o que parece ter um certo número de vantagens, entre as quais a possibilidade de se apreender como esses dois fluxos discursivos impingem à cidade do Rio de Janeiro suas próprias formas, informando-se, simultaneamente, a partir dela. Esse esforço encontra, no magistério de Gilles Deleuze, uma apologia sucinta:

Opúnhamos o virtual ao real; agora é necessário corrigir essa terminologia, que ainda não poderia ser exata. O virtual não se opõe ao real, mas apenas ao atual. O virtual possui uma realidade plena, embora virtual. Do virtual, dever-se-ia dizer o mesmo que dizia Proust dos “estados de ressonância: “reais sem serem atuais, ideais sem serem abstratos” e simbólicos sem serem fictícios. O virtual deve mesmo ser definido como uma parte estrita do objeto real — como se o objeto tivesse uma de suas partes no real e aí penetrasse como numa dimensão objetiva. (DELEUZE 1993: 269. Tradução nossa, grifos do autor).

- 6 Sem deter, deusas, a paternidade das expressões virtual e virtualidade, Deleuze oferece uma acepção suficientemente estrita das categorias. Na forma mais madura de seu pensamento, o filósofo chegará a entrever uma equivalência entre imagem e objeto, que constituirão “o plano de imanência no qual se dissolve o atual” (DELEUZE; PARNET 1996: 180. Tradução nossa).

O Correio da Manhã e a cidade do cartão postal

- 7 Com provável atraso da edição matinal, o Correio da Manhã pôde noticiar o incêndio do Morro do Pasmado com a mesma celeridade da Tribuna da Imprensa. Na quarta-feira seguinte, porém, a matéria de capa do quarto caderno, A fogueira de Botafogo, não assinada, de curiosa redação, ocupava praticamente toda a página:

Do morro só restam cinzas e a escada íngreme, desconjuntada, apontando para o alto. Não podia ser diferente. Não podia ser diferente⁴. Que em Bangu e redondezas surjam aglomerações decentes. Que venham abaixo, em cinzas, todas as favelas. Nem por isso a saudade é menor. Nem por isso as lágrimas deixarão de correr, numa tentativa infrutífera de apagar a fogueira. Uma fogueira que iluminou a noite de Botafogo no Morro do Pasmado. (CORREIO DA MANHÃ, 29/01/1964).
- 8 A presença do curioso epítáfio nas páginas do jornal, em período no qual a imprensa buscava deliberadamente emancipar-se do discurso literário com o qual já vinha em longa comunhão (BARBOSA 2007: 150) exigiu uma explicação, buscada a partir do momento em que a Favela do Pasmado fosse mencionada pela primeira vez em suas páginas. Embora o conhecimento da existência de casebres e barracos na calva do Morro do Pasmado estivesse disponível desde o primeiro levantamento aerofotogramétrico da cidade, entregue à prefeitura do Distrito Federal em 1928, e possivelmente, antes disso, o Correio da Manhã silenciou sobre sua favela até dezembro de 1953, quando é mencionada como súbito acidente urbano⁵.
- 9 O Pasmado, sem sua favela, frequentava as páginas do Correio de modo irregular a partir da interventoria de Henrique Dodsworth (1937-1945), quando aparece pela primeira vez o projeto de se construir os grandes túneis que animaram a engenharia carioca pelas décadas seguintes, entre os quais o Túnel do Pasmado. O orgulho por essas obras aparece tanto nas matérias do Correio quanto nos anúncios que estampava, e é importante para se compreender as representações da cidade oferecidas pelo matutino. Até o início das obras do túnel, o Morro do Pasmado aparece, sobretudo, como referência espacial de uma série de anúncios de bens imóveis na região, principalmente em fase de incorporação, que testemunham o aquecimento do mercado imobiliário local como consequência direta da expectativa de valorização fundiária. É a partir da inauguração do túnel que a Favela do Pasmado passa a ter suficiente saturação para ser abordada como objeto de política urbana.
- 10 As singularidades estilísticas do Correio da Manhã, paradoxais diante da profissionalização do campo jornalístico, explicavam-se por uma contiguidade com o campo literário que se prolongou mais que em outras redações. O próprio Antônio Callado, seu diretor durante boa parte dos anos 1950, viria a desenvolver sua veia literária pelos anos seguintes. Carlos Lacerda, quando a Tribuna da Imprensa era apenas uma coluna no diário da família Bittencourt, também cultivou essa espécie de ambiguidade. Carlos Drummond de Andrade, não menos, assinou regularmente sua coluna pelas iniciais C.D.A, sugerindo de modo irresistível que aqueles textos destinavam-se aos que já o (re)conheciam e esperavam sorver de sua sabedoria em comentários mais ou menos sucintos sobre o noticiário local.

TUNEL DO PASMADO

Empreendimento que beneficia a tôda uma população!

Com 210 metros de comprimento por 22 de largura, possibilitando o escoamento de 7.500 veículos por hora, eis o túnel do Pasmado, recém-inaugurado. Os 375 pontos de luz, dispostos em 53 filas transversais e 7 longitudinais, proporcionam a mais perfeita distribuição luminosa.

A exemplo do que foi feito nos túneis do Leme, as lâmpadas e todo o material de iluminação empregado no túnel do Pasmado são de fabricação nacional. A General Electric e a Byington, que prestaram sua colaboração no projeto, instalação e fornecimento do material de iluminação deste túnel, congratulam-se com a população carioca por mais este notável serviço público.

- Empreendimento da Prefeitura do Distrito Federal
- Instalação elétrica de Byington & Cia.
- Projeto de iluminação do Departamento Nacional de Iluminação e Gas, em colaboração com a General Electric S. A.

GE Símbolo de Excelência em todo o mundo

V. PODE CONFIAR NA
GENERAL ELECTRIC S.A.

Figura IV: Anúncio da General Electric, na capa do segundo caderno da edição de 26/03/1952 do Correio da manhã homenageia inauguração do Túnel do Pasmado.

- 11 Para além dos literatos de frequência regular, o Correio da Manhã publicava textos literários nacionais e estrangeiros, estes sempre traduzidos por autoridades já reconhecidas. A aliança entre o Correio e a literatura, portanto, prolonga-se sobre uma lógica de espelhamento do mundo, que fará seus leitores, identificados às letras e à alta cultura, reconhecerem-se nas páginas de um periódico que acolhe esses valores, reforçando-lhes, desta forma, um senso de distinção. Para os leitores, não seria diferente do tom dos anúncios, nos quais abundavam bens de consumo superiores, apresentados por personalidades reconhecidas naquele estrato social: socialites, literatos, músicos, arquitetos, atores etc. As páginas do Correio são permeadas da mais ampla variedade de bens de consumo que, hoje relativamente acessíveis, eram luxos outrora. Eletrodomésticos, gravatas, vestuário em linho e seda e joias não são, porém, os bens mais frequentemente anunciados: anúncios de incorporadoras e imobiliárias consistem visivelmente na maior parte de área impressa consagrada à publicidade desde a primeira mirada, explicando decisivamente o comprometimento do Correio da Manhã com os interesses dessas empresas e a presença tão frequente da arquitetura e do embelezamento urbano entre os bens culturais que propalava.
- 12 Ao lado da função de reproduzir elementos de alta cultura, o papel dos bens manufaturados nos anúncios do Correio da Manhã faz parte do esforço de se reproduzir nos leitores uma euforia diante dos elementos da técnica moderna e da inevitabilidade do progresso, um sentimento que caracterizou suas páginas ao longo de toda a década de 1950 (AMOROSO 2012: 195). Havia, assim, entre os jornalistas do Correio da Manhã e seus leitores, uma modulação biunívoca entre produtores e consumidores de bens culturais e materiais:

O acordo que se estabelece, assim, objetivamente entre classes de produtos e classes de consumidores só se realiza no consumo por intermédio dessa espécie de senso da

homologia entre bens e grupos, que define o gosto: ao proceder a uma escolha segundo seus gostos, o indivíduo opera a identificação de bens objetivamente adequados à sua posição e ajustados entre si por estarem situados em posições sumariamente equivalentes a seus respectivos espaços — filmes ou peças de teatro, histórias em quadrinhos ou romances, mobiliário ou vestuário — ajudado, neste aspecto, por instituições, butiques, teatros (de rive droite ou de rive gauche), críticos, jornais e semanários escolhidos, aliás, segundo o mesmo princípio; além disso, por serem definidas por sua posição em um campo, elas próprias devem ser objeto de uma identificação distintiva. (BOURDIEU 2007: 217. Grifos do autor).

- 13 Ao lado da tendência à profissionalização e à constituição de uma outra missão para o jornalismo, a redação do Correio da Manhã, exercendo sua escrita de transição, indicava suas prioridades axiológicas quando contrastava a visão das favelas cariocas ao urbanismo de cartão postal com o qual flertava: as aspirações de embelezamento urbano, ao lado da consagração do padrão de consumo de seus leitores e da formação da vocação turística da zona sul da cidade criaram um diário que, junto do imperativo orgulhosamente assumido de informar, cuidava também de representar a cidade de forma particular, e o conjunto dessas representações é o que permite aceder à lógica de sua cidade virtual.
- 14 A cidade do Correio era, acima de tudo, uma conjunção de dois mundos. O primeiro, objetivo sempre confessado de suas páginas, era o mundo do consumo conspícuo, do bom gosto, da arquitetura altaneira e da engenharia ousada, postos em vitrine para o estrangeiro. O segundo, na outra ponta do banquete, desvelava o país subdesenvolvido, a pobreza como imundície, a realidade subsaariana e os bairros de lata cuja eliminação o Correio da Manhã tomava como missão particular. Em *Pressa*, de janeiro de 1959, ecoando a imagem subsaariana, o apócrifo jornalista comenta a série de reportagens que o colega francês Alfred Luce-Fabre preparava para o *Le Monde*, observando as constatações mais evidentes ao estrangeiro em sua breve passagem:

A *pressa* com que o jornalista francês percorreu nosso país aumentou, aos seus olhos, a velocidade de nossa evolução. Mesmo assim, não deixou de perceber umas coisas muito verdadeiras, o reverso de nosso desenvolvimento apressado: a especulação imobiliária, devorando capitais que poderiam servir para fins mais urgentes, a decorrente falta de dinheiro no mercado de títulos e, daí, a praga dos altos juros. São mais ligeiras as observações sobre os contrastes sociais: o Túnel do Pasmado na hora noturna do rush, em baixo [sic] os Cadillacs, em cima as cabanas africanas. É coisa que já não nos chama bastante a atenção" (CORREIO DA MANHÃ, 10/01/1959, p. 6).

- 15 Em tempos nos quais a menção às cabanas africanas não indignaria a muitos, o Correio da Manhã vem reforçar a série dos estereótipos que Janice Perlman (1977) associara aos “mitos da marginalidade”. Aos 26 de março de 1964, no centro superior do caderno principal, uma matéria que ocupa a maior parte da página noticia: “Favelados da Zona Sul bebem por mês o que custariam 113 casas edificadas”. O texto é extenso, mas esclarecedor: ao indicar uma breve estatística do consumo de bebidas alcoólicas nas favelas da zona sul e apresentar a novidade de que os barracos, desprovidos dos mínimos serviços públicos, contavam cada vez mais com receptores de rádio e televisores, o texto, mais uma vez não assinado, estabelecerá tanto a oposição entre a virtude individual da indústria e o vício coletivo do alcoolismo quanto a preferência do bem supérfluo sobre o bem necessário. Esbanja-se a escassez, sugere-se. A respeito do custo de oportunidade associado à construção das casas, o trecho da nota “proliferação”, por si um termo importante, merece ser transcrito:

Os dados enumerados provam que nem 30% dos favelados precisam realmente morar em locais tão sórdidos. A confusão de miséria e conforto, possibilidades e necessidades, mostra-nos a gravidade crescente do problema. Somente a facilidade de burlar a lei pode explicar a proliferação de favelas e favelados. Famílias que poderiam viver em locais urbanizados — vide rádios, geladeiras e televisão —, correndo dos impostos e alugueis, misturam-se aos marginais das favelas. É formada uma comunidade só, onde o bem ou o mal sobreviverá, pois não há lugar para as duas faces. Mesmo não parando de usar o álcool, os favelados poderiam urbanizar suas favelas. Bastaria para isso que cara um, mensalmente, empregasse a quantia de Cr\$ 250, importância que não compra três cervejas. (CORREIO DA MANHÃ, 26/3/1963, p. 3).

As riquíssimas relações semânticas oferecidas em um trecho tão curto dão uma ideia da agressividade do Correio da Manhã no ano imediatamente anterior à consumação da remoção da Favela Pasmado, e encerram praticamente todo o repertório de opróbios contra o favelado a que se poderia recorrer. O mais interessante, porém, é a implicação de que, se os favelados não são capazes de parar de usar o álcool — algo tão obviamente distinto do beber — de poupar a mais insignificante das somas, se não são capazes de coexistir com o mal, como o fazem pessoas boas em qualquer outra parte, é necessário que sejam salvos de si próprios — um estado semelhante à infância — pela ação enérgica do estado, que é chamado a coibir a burla da lei e urbanizar as favelas, esperando-se que a população favelada, outrora arredia, viesse a perceber, na benemerência dos seus mais combativos opositores, a redenção de sua severidade.



Figura V. O Correio da manhã, em matéria de capa da edição de 23/03/1959 estampava o seguinte: “Crescem as favelas da cidade não obstante promessas em contrário da municipalidade”, anunciando um libelo que ocuparia quase toda a página.

A matéria contígua, “Árvores: pulmões do mundo”, lembrará, tratando mais dos subúrbios que das favelas, dos argumentos contemporâneos da remoção. A fotografia,

anos 1970. Ao contrário da tese dominante, que buscou atribuir-lhe trajetória descendente, argumenta-se que, com uma cultura política informada pela predicação heteronômica e sistemática, a militância favelada inventou estratégias para a consecução de objetivos pontuais, embora concretos, no sentido da urbanização de várias favelas. No espírito do pragmatismo político que lhe ensinavam os tempos, evitaram a simples ressonância das disputas próprias da Guerra Fria, o que, para alguns deu mostras de uma redução à docilidade:

O que percebemos hoje, (1999), na prática, é um movimento favelado esfacelado, a existência de duas federações, a FAFERJ e a atual FAF-RIO. O movimento favelado se desfez e a cidade perdeu com isso grandes parceiros que poderiam estar, nesse momento de grande aflição, discutindo a cidade e contribuindo com seu saber formado a partir das reflexões formadas dentro nas [sic] favelas. (SOUSA 2003: 65).

- 19 A afirmação parece condescendente, pois a FAFERJ (Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro) possui uma história de organização política e militância que penetra, a despeito de reconhecidas dificuldades, os anos 1990. Deveras, o novo século é cada vez menos caracterizado pelas grandes federações, cada vez mais favorável a uma dispersão da militância em um conjunto variado de associações de âmbito local. Paralelamente à FAFERJ, organizações como a Rede de Memória da Maré, a Central Única das Favelas (CUFA), a escola de cinema Nós do Morro, o coletivo Favelarte e o Grupo Cultural AfroReggae, para mencionar apenas algumas, opõem-se aos processos de cerceamento e cooptação que o crime organizado desenvolve nas organizações de moradores que consegue capturar.
- 20 Igualmente, essas organizações são protagonistas de renovados investimentos memoriais e discursivos, dos quais se pode extrair aspectos de sua própria cidade virtual. Luiz Antônio Pilar e Anderson Quack, diretores da CUFA, vêm, desde fins de 2013, apresentando um circuito de exposições, a título de pré-estreias, de seu documentário *Remoção* (2013). Em 2009, com a colaboração de Carlos Diegues, os moradores de várias favelas cariocas realizaram uma reedição do filme *Cinco vezes favela* (1962), opúsculo do Cinema Novo. Sem conexão necessária com os episódios originais, o *Cinco vezes favela*, agora por nós mesmos (2009) foi inteiramente reescrito pelos próprios moradores, e obteve uma significativa passagem pelo circuito comercial. Com o concurso do discurso acadêmico, o documentário *Realengo*, aquele desabafo (ARAGÃO et al. 2011), recolhe testemunhos de famílias que foram realocadas em conjuntos habitacionais naquele bairro, às margens da Avenida Brasil.
- 21 Uma característica dessas produções, ainda, é seu caráter transnacional: a CUFA, por exemplo, está organizada em todos os estados federados brasileiros e, segundo informam em sua página eletrônica, dez países. O festival de cinema independente *Globale*, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro em 2013, apresentou os documentários *Distopia 021* (RIBEIRO 2012) e *Casas marcadas* (BARRADAS et al. 2012), no contexto de mostras não competitivas que conjugavam as produções nacionais a reflexões semelhantes de outras partes do mundo. *Casas marcadas*, um documentário-denúncia que já recebera a menção honrosa no XII Festival Internacional de Cinema de Arquivo, na sede do Arquivo Nacional, também na cidade do Rio, apresenta a luta dos moradores do Morro da Providência contra o que considera um verdadeiro urbanismo de exceção. Essa favela, orgulhosa em narrar-se como a primeira do Brasil (é, ao menos, a mais antiga ainda em existência), recebeu recentemente o grafiteiro lusitano Alexandre Farto, que sob seu pseudônimo, Vhils, realizou retratos de famílias removidas nas fachadas de suas próprias casas, marcadas

para demolição por funcionários da Secretaria Municipal de Habitação. A curiosa técnica de Vhils e alguns de seus retratos foram, igualmente, representados em documentário independente (MOREIRA 2012).

- 22 A pluralidade e a intensidade com que surgem esses investimentos memoriais atualiza o furor de memória (memory boom) indicado por Andreas Huyssen (2003: 18), e levanta relevantes questões acerca do significado do relativo hiato que existiu entre as remoções do regime militar e a multiplicação de discursos que se apropriam delas. Primeiramente, a multiplicação dos discursos sobre a memória das remoções parece afastar a hipótese do silêncio como um recomeço, aventada por Marc Augé:

[...] uma reinauguração radical, com o re- desde já implicando que uma mesma vida contém vários começos. [...] Sua ambição é reencontrar o futuro pelo esquecimento do passado, criar as condições de um novo nascimento que, por definição, abre-se a todos os devires possíveis sem privilegiar a nenhum. (AUGÉ 2001: 78. Tradução nossa).

- 23 Preservando o mesmo objetivo de se reencontrar um futuro, a militância política das favelas beneficia-se de um contexto institucional e político que permite que as remoções, enquanto plexo de memórias traumáticas, enquanto possibilidade real a ameaçar várias favelas no presente, sejam enfrentadas, discutidas e reelaboradas. Contra a distopia atualizada e o urbanismo de exceção, a militância política das favelas pode, pela defesa de seus lares e das instituições democráticas, entrever um sentido de utopia para o novo século. Nas palavras de Huyssen:

As utopias voltadas ao progresso linear, que dominaram os séculos XIX e XX (comunismo, fascismo, modernização) perderam a legitimidade, e de vez, espera-se. Mas ainda precisamos pensar realmente o futuro, e não há pensamento de futuro sem um sentido do ainda-não, das possibilidades não realizadas, das alternativas às estruturas sociais e econômicas que dominam nosso mundo hoje. Talvez seja o caso de pensarmos a utopia com um “u” minúsculo [...]. (HUYSEN 2013, In: GANITO; AGOSTINHO 2013. Tradução nossa).

- 24 O relevante papel político que cabe à militância das favelas e ao concurso de atores políticos que vêm participar da produção memorial das remoções e da defesa do direito à cidade no Brasil permite caracterizá-los como empreendedores morais (BECKER, apud JELIN, 2002, p. 48.). Sua atividade dedica-se à produção de memórias do labor, da solidariedade dos mutirões, da luta contra as remoções, e da religiosidade — católica, protestante ou afro-brasileira, em tanto divergentes, mas resolutamente convergentes no penhor de representações que desafiam decantadas associações entre o favelado e o vício. A cidade da militância, que emerge dessas representações, começa a deixar seu caráter reativo e articula-se para infletar mais decididamente sobre os destinos da cidade atual.

Considerações finais

- 25 Em sua meditação sobre o que chamara “vazios de Berlim”, Andreas Huyssen mencionava uma campanha publicitária de 1996 que, celebrando o desafio da reconstrução e da reunificação da República Federal da Alemanha, inscrevia “Berlin wird” (Berlim se transforma, em português). A chave intransitiva da transformação, porém, fazia com que, “sendo a Berlim de meados da década de 1990 um grande canteiro de obras, um buraco aberto no chão, tenha-se mais razões para se enfatizar o vazio que para celebrar a transformação” (HUYSEN 2003: 54. Tradução nossa).

- 26 A cidade do Rio de Janeiro, às vésperas dos eventos internacionais para os quais foi eleita, torna-se, igualmente, um grande canteiro de obras. Destarte, seria adequado pensar os vazios fluminenses como o terreno no qual combatem distintos projetos do que deve ser a cidade no novo século, o próprio objeto atual sobre o qual se arrojam as cidades virtuais, nele formadas:

O plano de imanência compreende ao mesmo tempo o virtual e sua atualização, sem que possa haver aí um limite determinável entre os dois. O atual é o complemento ou o produto, o objeto da atualização, mas essa não tem por sujeito outra coisa que o virtual. A atualização pertence ao virtual. A atualização do virtual é a singularidade, enquanto o atual em si mesmo é a individualidade constituída. O atual cai para fora do plano como um fruto, enquanto a atualização o remete ao plano como àquilo que reconverte o objeto em sujeito. (DELEUZE; PARNET 1996: 180-181. Tradução nossa. Grifo nosso).

- 27 Assim, o estudo das virtualidades que emergem da produção discursiva de atores sociais não interessa apenas por seu valor estético, nem se reduz a uma hermenêutica remota. É a partir das cidades virtuais, entre elas, por virtude de sua realidade, que se constituirá a atualização de uma cidade para o novo século. Mesmo os dois conjuntos de projetos delineados aqui se fragmentam em um caleidoscópio de cidades. Essas cidades virtuais, todas elas, influirão sobre o futuro com maior ou menor força, serão umas mais, outras menos semelhantes à paisagem que alcançará o olhar. Assim como a Favela do Pasmado, as cidades dos projetos derrotados, preteridos e silenciados subsistirão indefinidamente, soerguendo de suas cinzas para afrontar os projetos que se criam vencedores.

BIBLIOGRAFIA

A fogueira de Botafogo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 29 jan. 1964. Caderno 2, p. 1.

AMOROSO, Mauro. Duas faces da mesma fotografia: atraso versus progresso na cobertura fotojornalística de favelas do Correio da Manhã. In: MELLO, Marco Antônio da Silva et al. (Org.). Favelas cariocas: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 191-212.

ANDERSON, Benedict. Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism. New York: Verso, 1991. 2. Ed.

AUGÉ, Marc. Les formes de l'oubli. Paris: Payot & Rivages, 2001.

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BIZARRIA, Júlio (2014). O Morro do Pasmado e o nomadismo de maldição: da distopia atualizada à memória diáfana. Rio de Janeiro (RJ), 159 p. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Bombeiros saneiam Pasmado com fogo. Tribuna da Imprensa. Rio de Janeiro, 25-26 jan. 1964. p. 4

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BRADBURY, Ray. Fahrenheit 451. New York: Simon & Schuster, 2011.

BRUM, Mário Sérgio. Ditadura civil-militar e favelas: estigma e restrições ao debate sobre a cidade (1969-1973). Cadernos metrópole. V. 11, N. 22. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, 2012. p. 357-380.

CASAS Marcadas. Direção, produção e roteiro: Adriana Barradas et al. Brasil, 2012. Documentário independente. Vídeo digital (10min). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=xao_4b8DJ_k>. Acesso e descarga em 20/02/2014.

CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS. Página eletrônica oficial. Disponível em: <<http://cufa.org.br/acufa/>>. Último acesso em 20/08/2014.

CINCO vezes favela. Direção, produção e roteiro: Miguel Borges et al. Brasil: Tabajara Filmes, Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes; Instituto Nacional do Livro. Vídeo digitalizado (90min). Disponível em : <<http://www.youtube.com/watch?v=JTcisAwgMM8>>. Acesso e descarga em 20/02/2014.

CINCO vezes favela, agora por nós mesmos. Direção e roteiro: Manaíra Carneiro et al. Produção : Carlos Diegues. Brasil : Sony Pictures, 2009. 1. Disco de vídeo digital (DVD) (101min).

COMPANS, Rose. A cidade contra a favela: a nova ameaça ambiental. Revista brasileira de estudos urbanos e regionais. V. 9, n. 1. Maio de 2007. Recife: Associação Nacional de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, 2007. p. 83-99. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/rbeur/article/view/172/156>>. Acesso e descarga em 28 de fevereiro de 2014.

Crescem as favelas da cidade não obstante promessas em contrário da municipalidade. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 23 mar. 1959. p. 1. (Matéria não assinada a propósito do Morro do Pasmado, acompanhada de fotografia da face meridional do morro sem indicação de autoria e referida como “Figura V”).

DELEUZE, Gilles. *Différence et répétition*. Paris: Presses Universitaires de France, 1993. 7. Ed. _____; PARNET, Claire. *Dialogues*. Paris: Flammarion, 1996.

DISTOPIA 021, um projeto de cidade global. Direção: Victor Ribeiro. Roteiro e Produção: Victor Ribeiro et al. Brasil; Colômbia: Rio40Caos; Antena Mutante, 2012. Documentário independente. Vídeo digital (28min). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=87VXFGWgV0w>>. Acesso e descarga em 20/02/2014.

FAHRENHEIT 451. Direção: François Truffaut. Produção: Lewis M. Allen. Intérpretes: Oskar Werner, Julie Christie, Cyril Cusack e outros. Roteiro: François Truffaut e Helen Scott. França; Reino Unido: Anglo-Enterprise Vineyard Film; Universal, 1966. 1 Disco óptico compacto de vídeo digital, DVD (112min). Letterbox 4:3, color. Distribuído por: Image Entertainment, 1998. Baseado no romance Fahrenheit 451, de Ray Bradbury.

Favelados da Zona Sul bebem por mês o que custariam 113 casas edificadas. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 26 mar. 1963, p. 3.

FAVELARTE. Página eletrônica oficial. Disponível em: <<http://www.favelarte.org.br/>>. Último acesso em 20/08/2014.

Fim do Pasmado. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 25 jan. 1964. p. 1. (Matéria não assinada a propósito do incêndio do Morro do Pasmado, com fotografia sem indicação de autoria, provavelmente de Manoel Gomes da Costa, referida como “Figura II”).

GANITO, Tânia; AGOSTINHO, Daniela. On memory and the yet-to-come: interview with Andreas Huyssen. *Diffractions*. n. 1 Lisbon: Research Center for Communication and Culture at the School

- of Human Sciences, 2013. p. 1-7. Disponível em: <http://www.diffractions.net/documentos/Entrevista_AndreasHuysen.pdf>. Acesso e descarga em 16/03/2014.
- HIRAI, Thiago. Cidade maravilhosa. s/l., 2005. Disponível em: <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c8/Cidade_Maravilhosa_%2818602247%29.jpg> Acesso e descarga em 22 de outubro de 2014. (Aspecto da enseada de Botafogo a partir do teleférico entre o Pão de Açúcar e o Morro da Urca referido como “Figura I”).
- HUYSEN, Andreas. Present pasts: urban palimpsests and the politics of memory. Stanford: Stanford University Press, 2003.
- JELIN, Elizabeth. Los trabajos de la memoria. Madrid: Siglo Veintiuno, 2002.
- LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. A sociologia do Brasil urbano. Tradução de Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.
- Mudança. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 18 jan. 1964 p. 3. (Matéria não assinada a propósito da mudança de moradores do Morro do Pasmado para a Vila Kennedy, acompanhada de fotografia sem indicação de autoria, provavelmente de Manoel Gomes da Costa, e referida como “Figura III”).
- PERLMAN, Janice Elaine. O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Tradução de Waldívia Marchiori Portinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- _____. Favela: four decades of living on the edge in Rio de Janeiro. New York: Oxford University Press, 2010.
- Pressa. Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 10 jan. 1959.
- PROVIDÊNCIA. Direção, roteiro e produção: João Pedro Moreira. Brasil, 2012. Documentário independente. Disponível em: <<http://joaopedromoreirawork.blogspot.com.br/p/docs.html>>. Acesso e descarga em 20/02/2014.
- PUGLIESI, Stella Christina de Toledo Santos (2002). Urbanização de favelas: de alternativa a política consolidada. São Carlos, 2002, 135p. Dissertação (Mestrado) — Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo.
- Quem compra pensa no melhor... e “Casa Alta” é o Máximo! Correio da Manhã. Rio de Janeiro, 24 nov. 1963. Classificados, p. 5. (Anúncio das vendas do condomínio Casa Alta de Botafogo, projeto de Sérgio Bernardes construído no Morro do Pasmado pouco depois da remoção da favela, referido como “Figura VI”).
- REALENGO, aquele desabafo!. Direção e roteiro: Brasil: Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012. Documentário. (15min). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZoBJzrACZ3c&feature=youtu.be>>. Acesso e descarga em 20/02/2014.
- REMOÇÃO. Direção. E produção: Luiz Antônio Pilar e Anderson Quack. Brasil: Central Única das Favelas, 2013. Sem lançamento. (85min).
- RIO, João do. Os livres acampamentos da miséria. In: Vida vertiginosa. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1911. p. 143-152.
- SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Movimentos urbanos no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- SANTOS, Jr., Demian Garcia Castro (2012). Megaeventos esportivos e empreendedorismo urbano: os jogos olímpicos de 2016 e a produção do espaço urbano no Rio de Janeiro, RJ. Rio de Janeiro

(RJ), 159 p. Dissertação (Mestrado) — Programa de Engenharia Urbana, Escola Politécnica da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SARLO, Beatriz. *La ciudad vista: mercancías y cultura urbana*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.

SILVA, Maria L. P. da. *Favelas cariocas, 1930-1964*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

SOUSA, José Nilton de. A exclusão pela urbanização da favela: governo e conflito na cidade do Rio de Janeiro. *GEOgraphia*. Ano V, n. 10. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2003. p. 45-77.

Túnel do Pasmado, um empreendimento que beneficia a toda uma população! *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1952. p.1. (Anúncio da General Electric, fornecedora dos materiais para a iluminação do Túnel do Pasmado, parabenizando a cidade por sua inauguração. Referido como “Figura IV”).

VALLADARES, Licia do Prado. *Passa-se uma casa: análise do programa de remoções de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

_____. A Gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. *Revista brasileira de ciências sociais*. v. 13 n. 44. São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2000. p. 5-34.

_____. *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2005.

_____; MEDEIROS, Lúcia. *Pensando as favelas do Rio de Janeiro: uma bibliografia analítica, 1906-2000*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, URBANDATA, UCAM, FAPERJ, 2003.

NOTAS

1. Publicado em 1953, o romance *Fahrenheit 451* narra os dilemas íntimos do bombeiro Guy Montag, num futuro distópico no qual, por iniciativa de um governo totalitário, a escrita foi suprimida e os livros proibidos, cabendo à corporação encontrar e incinerar os tomos teimosamente preservados por uma resistência civil, assim como justificar os culpados por sua conduta supostamente subversiva e antissocial. Oskar Werner viveu o agente Montag na adaptação fílmica de François Truffaut, em 1966.

2. Lúcia do Prado Valladares apresenta esses fluxos discursivos anteriormente às ciências sociais (2000) e após (2005), sendo também autora de estudo clássico sobre o processo de remoções (1978) e, em coautoria com Lúcia Medeiros, de bibliografia analítica que abrange todo o século XX. O casal Anthony e Elizabeth Leeds (1978) e Janice Perlman (1977; 2010), além do próprio Ferreira dos Santos somam-se ao rol das obras mais conhecidas e frequentemente citadas da disciplina. No novo século, os estudos são chamados a rever e atualizar as obras clássicas, além de investigar decisivas transformações que dão ao discurso remocionista e à resistência da militância das favelas as cores de seu tempo. Por um lado, os discursos que pregam a remoção de favelas na cidade do Rio de Janeiro vêm socorrer-se em novos argumentos: uma interpretação específica da segurança jurídica e do direito à propriedade, a segurança pública, o empreendedorismo urbano (SANTOS Jr. 2012) a proteção ao meio-ambiente ou o discurso das áreas de risco geoclimatológico (COMPANS 2007). Por outro, a militância política das favelas não parece mais aglutinar-se em torno de organismos e foros centrais, como foi o caso da Federação das Associações de Moradores de Favelas do Estado da Guanabara, FAFEG, ou de sua sucedânea, FAFERJ: os militantes agora percorrem uma constelação de organizações, ou passam ao largo de todas elas.

3. A expressão *cidade imaginada* tem um trânsito amplo entre abordagens dos mais variados objetos. Suas remissões incontáveis remontam, possivelmente, a uma extrapolação da categoria proposta por Benedict Anderson em seu *Imagined communities* (1991). Não sendo possível recolher uma acepção estrita de *cidade imaginada*, é frutífero observar que os painéis simbólicos que Beatriz Sarlo (2009) apresenta junto à expressão são os mais aproximados do que se pretende realizar neste artigo.

4. A frase, repetida no original, parece mais uma inserção deliberada que um acidente tipográfico. A leitura do *Correio da Manhã* encontrará singularidades redacionais a cada passo, mormente nas matérias não assinadas, quando o autor permanecia à sombra de sua editoria.

5. Na primeira semana de dezembro do ano anterior o *Diário Carioca* denunciava uma tentativa de remoção parcial da Favela do Pasmado pela prefeitura de João Carlos Vital. Ao evidenciar que não havia local preparado para receber a população transferida (eram deixados em um descampado no bairro de Cordovil, na Zona Norte), o vespertino logrou sustar a operação de remoção, e a favela subsistiu por mais doze anos. Nenhuma motivação humanitária aí: o *Diário Carioca*, ainda estreitamente ligado à União Democrática Nacional, buscava desmoralizar qualquer ação da Prefeitura do Distrito Federal, já que seus titulares eram indicados *ad nutum* pela Presidência da República, ocupada por Getúlio Vargas. Em fins de 1963, Danton Jobim, que já militava na redação desde a década anterior, conseguiu o controle acionário do jornal, guinando-o à esquerda e oferecendo um importante contraponto à cobertura que o *Correio da Manhã* e *O Dia* realizaram sobre a remoção definitiva da Favela do Pasmado. Maria Lais Pereira da Silva (2005) apresenta uma síntese dos levantamentos aerofotogramétricos de 1928 e 1964.

6. É razoável afirmar que a categoria *urbanização* surgiu, no campo urbanístico, à esquerda, como projeto contra-hegemônico: Valladares (2005: 55) registra seu uso mais remoto nos atos do I Congresso Brasileiro de Urbanismo, em 1941. A atualização mais consistente da urbanização conforme sua elaboração originária encontra-se no trabalho desenvolvido por jovens arquitetos ligados ao movimento estudantil e reunidos no escritório experimental Quadra Arquitetos Associados. Entre 1968 e 1970, subcontratados pela Companhia de Desenvolvimento de Comunidades (CODESCO), os arquitetos promoveram a integração da favela de Brás de Pina ao bairro homônimo. Sobre a trajetória do grupo, reporte-se às memórias de Ferreira dos Santos em seu *Movimentos sociais urbanos* (1980) e ao trabalho primoroso de Stella Pugliesi (2002), que devolve àqueles jovens o protagonismo que não se lhes costuma reconhecer.

RESUMOS

No início de 1964, três meses antes de o governo republicano brasileiro ser derrubado por uma insurreição militar, no início de um regime de vinte e um anos, manchetes celebravam uma operação de saneamento conduzida pela cidade-Estado do Rio de Janeiro: tratava-se de um incêndio controlado, operado pelo corpo de bombeiros local e que consumiu os restos da Favela do Pasmado, cujos habitantes haviam sido transferidos à força para conjuntos habitacionais na porção ocidental da cidade ao longo das semanas que precederam o evento. Entre a remoção do Pasmado e a escolha da cidade para sediar a XX Copa do Mundo de Futebol e a XXXI Olimpíada, este estudo procura analisar duas versões do Rio de Janeiro como virtualidades: uma proposta pelo *Correio da Manhã*, a outra proposta por uma miríade de vozes da militância política das favelas desde o restabelecimento das instituições democráticas.

In early 1964, three months before the Brazilian republic would be overthrown by a military insurrection in the onset of a 21-year regime, headlines celebrated a sanitation operation conducted by the city-State of Rio de Janeiro: it consisted in a controlled fire, operated by the local fire department, and consumed the remains of the Favela of Pasmado, whose inhabitants had been forcibly transferred to housing complexes established in the western portion of the city in the weeks preceding the event. Between the eradication of Pasmado and the City's being chosen to host of the XX Association Football World Cup and the XXXI Olympiad, this study seeks to analyse different versions of Rio de Janeiro as virtualities: one proposed by the Correio da Manhã, the other proposed by a myriad voices from the contemporary favela militancy since the reestablishment of democratic institutions.

ÍNDICE

Keywords: favela, forced evictions, urban studies, social memory, journalism

Palavras-chave: favela, remoções, estudos urbanos, memória social, jornalismo

AUTOR

JÚLIO BIZARRIA

Mestre em Memória Social, Programa de Pós-graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)